

Palavra e existência: a reivindicação dos sujeitos invisíveis em O voo da guará vermelha, de Maria Valéria Rezende

Rayssa Duarte Marques Cabral¹
Gisele Meire Tita Nazário Silva²

“A utopia, então, não é tanto uma fuga da realidade, mas, sim, a tentativa de evocar com a escrita uma realidade melhor, graças à força do pensamento e da palavra”. (Domenico de Masi)

Introdução

A Lei n. 13.696/2018 instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil. Não obstante, muito antes disso, Antonio Candido ([1988] 2017) já advogava em favor do direito à literatura, que, segundo o crítico literário, estaria ao lado de outros direitos fundamentais, tais como alimentação, moradia, vestuário e saúde, bem como de direitos mais amplos, como a liberdade individual, o amparo da justiça pública e a resistência à opressão. Para o autor, portanto, a literatura figura na categoria de bens que ele denominou de “incompressíveis”, por se tratarem de uma necessidade que não pode deixar de ser satisfeita, sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora (Candido, 2017). Tal frustração é a que serve de mote para o romance *O voo da guará vermelha* (2014), de Maria Valéria Rezende³.

Posto isso, defendemos que, na obra em questão, o protagonista Rosário personifica-se como um cidadão que reivindica a literatura como parte de sua identidade e existência. Isso porque, mesmo sendo um trabalhador braçal que nunca conseguiu ser alfabetizado em decorrência da omissão do Estado, uma vez que não teve acesso à educação formal, é um entusiasta dos livros e das narrativas orais. Sua jornada baseia-se na busca por alguém que o

¹Doutoranda em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino. E-mail: rayssa.cabral@unemat.br. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7355810089901725>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2663-5875>.

²Doutoranda em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino. E-mail: gisele.silva@sou.ufmt.br. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1204002072432698>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3138-955X>.

³Maria Valéria Rezende é uma escritora brasileira que já ganhou vários prêmios literários. Tem sido um nome reconhecido no cenário nacional. Nascida em Santos, em 1942, atualmente reside em João Pessoa, na Paraíba. Freira, educadora popular, publicou vários livros e artigos de não-ficção. Estreou na literatura em 2001. Vencedora de Prêmios literários como Jabuti e Prêmio São Paulo de Literatura; é também idealizadora do coletivo literário feminista Mulherio das Letras. Seus romances publicados até o momento são: *Vasto Mundo* (2001; 2015 - nova versão), *O Voo da Guará Vermelha* (2005; 2014), *Quarenta Dias* (2014), *Outros cantos* (2016) e *Carta à Rainha Louca* (2019).

ensine a ler e escrever; porém, mesmo com essa lacuna em sua formação, ele resiste, esperança, cria e sonha, transpondo assim seu contexto desfavorável e nossas expectativas estigmatizantes, tornando-se um “bom narrador” ao estilo do que Walter Benjamin (1994) definiria, uma vez que as narrativas orais da personagem baseiam-se nas experiências, passadas de pessoa para pessoa. O filósofo alemão exemplifica duas categorias de narradores, o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante” (Benjamin, 1994, p. 199); *grosso modo*, o que narra como um tipo de biblioteca viva⁴, arquivando e ficcionalizando acontecimentos locais, e o que narra as aventuras de outros lugares por onde passou, respectivamente. Rosário figura nesta segunda categoria, pois narra suas vivências e desventuras como retirante.

Sua interlocutora no romance é a personagem Irene, que também detém de invisibilidade social, pois se trata de uma mulher soropositiva que prostitui o corpo para sustentar uma velha e um menino. Apesar de saber ler e escrever, sua habilidade é bastante limitada, representando, portanto, uma grande parcela da população do nosso país: a dos analfabetos funcionais.⁵

Sendo assim, o romance escancara o Brasil a partir da perspectiva da margem, razão pela qual ressaltamos uma situação que tem sido cada vez mais recorrente na literatura brasileira contemporânea: os subalternos poderem falar. Gayatri Chakravorty Spivak (2010), em seu difundido ensaio *Pode o subalterno falar?*, apresenta-nos uma nova postura como intelectual, chamando para si e para seus pares dos estudos pós-coloniais e afins, uma prática de combate à subalternidade e seu silenciamento. Para a crítica indiana, faz-se necessária a criação de mecanismos para que os subalternos encontrem espaços para que possam articular suas ideias e vivências e assim ser, de fato, ouvidos. Acreditamos que Rezende (2014) pôde criar em seu universo ficcional do romance um espaço para personagens subalternas contarem suas histórias a partir de suas próprias perspectivas e impressões.

Feitas tais considerações prévias, neste artigo, objetivamos evidenciar como se dá a constituição e humanização da personagem Rosário por meio da literatura; tanto a que desfruta pela leitura em voz alta, quanto pela que cria e compartilha em suas narrativas orais, resultando na criação de outros horizontes/imaginários possíveis. Além disso, pretendemos

⁴ Trata-se de um conceito que se refere a entidades humanas transformadas em verdadeiros instrumentos de socialização de saberes e vivências, baseados no conhecimento empírico de quem narra, compondo a memória coletiva do seu contexto sócio-histórico.

⁵ Segundo dados recentes do IBGE, em 2020, havia no Brasil cerca de 16 milhões de analfabetos e aproximadamente 38 milhões de analfabetos funcionais, assim considerados os indivíduos acima dos vinte anos que não completaram quatro anos de ensino formal. Disponível em: <https://www.tce.ms.gov.br/noticias/artigos/detalhes/6769/o-nosso-dever-de-casa>. Acesso em: 03 jul. 2023.

demonstrar que a personagem Rosálio, tradicionalmente invisível, antes vista apenas como mais um corpo na multidão, ao lidar com as palavras, armas que não esperaríamos que utilizasse com tamanha maestria, reivindica sua posição de sujeito na literatura e, conseqüentemente, fora dela, pois quando narra com sua própria voz dentro do romance, impulsiona uma nova articulação também no mundo factual.

O direito à existência e à literatura: um manifesto das vozes dos invisíveis

“Não há ninguém tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si”. (Pascal)

A personagem Rosálio é emblemática desde a sua concepção. Sem conhecer ao certo sua história e seus ascendentes, sequer é batizado ou nomeado. Como se não bastasse, sua alcunha o assujeita ainda mais, conforme percebemos no trecho:

Nasci sem nome, como a serra que me guardava, porque nunca tive pai que me chamasse e não havia padre que me batizasse. De minha mãe dizem que era a mais bonita e alegre de todas as moças da Grotta, mas o nome eu também nunca soube porque só a lembrança dela dava em toda a gente uma tristeza tão funda que aquele nome ficou proibido de se pronunciar. De primeiro, disseram, me chamavam “o pequeno” mas, depois que fui crescendo e nasceram outros mais pequenos do que eu, virei *Nem-Ninguém* porque cada vez que eu chorava, pedindo mais leite, mais mel, mais angu de fubá, minha avó dizia, “*e vosmecê é nem ninguém para comer mais do que os outros?*”. *Eu era ninguém porque de meu pai não se sabia e minha mãe não me quis*, logo que me pariu nem esperou passar o resguardo, quando parou de sangrar e teve força pra subir até as Pedras do Pecador, de lá de cima se jogou serra abaixo pra dar fim à vida, me deixando solto e pagão neste mundo. (Rezende, 2014, p. 22, grifo nosso).

Feita essa apresentação da personagem, incitamos a ideia de que o romance de Rezende pode ser considerado um tipo de manifesto⁶ em favor dos direitos à existência e à literatura, uma vez que se trata de uma personagem que resiste às várias intempéries, tais como a morte prematura de sua mãe, quando ainda era muito pequeno, bem como a crescer sem nome, sendo invisibilizado e desconsiderado como sujeito até mesmo dentro de seu núcleo social de origem, que também está à margem.

Sem acesso à educação formal, ele inicia a sua jornada em busca de si, como sujeito no mundo, passando por diversas situações de fome, exploração, trabalho análogo à escravidão, dentre outras. Em trecho do romance, temos: “Pensei que eu era sem-terra, com certeza, e sem dinheiro, sem escola, sem saber pra onde ir [...]” (Rezende, 2014, p. 151), o que evidencia todas as suas lacunas e necessidades não supridas. Ele é como um indígena,

⁶ “Manifesto é um texto de caráter político ou artístico em que prevalece a argumentação e a persuasão em prol de determinado ponto de vista ou ideia.” (OLIVEIRA, 2023, *on-line*)

usando arco e flecha contra bombas nucleares, alguém que luta para existir e se colocar nesse mundo que não o acolhe e cujas narrativas não o representam. Apesar disso, seu poder de fabulação é tão grande que, antes de qualquer coisa, foi ele quem escolheu o seu próprio nome. Quando questionado por João das Mulas:

[...] “como é que vosmecê vai para o mundo se vosmecê nem nome tem?”, então eu disse que tinha um nome tão bom como o de qualquer pessoa, Rosálio da Conceição, que me apareceu na boca sem eu ter pensado nunca, nome bom, nome bonito, Rosálio, nome de gente que sabe ler e escrever, e depois da Conceição, que dos Santos não queria, era o de José Gregório. Eu não podia querer mal a Zé Gregório, que era meu irmão de leite, mas não queria ter um nome parecido com o dele. (Rezende, 2014, p. 57).

O referido episódio de “autobatismo” diz muito sobre a personagem, seus princípios, valores e objetivos. Isso porque Rosália era o nome da professora que passou pelo seu vilarejo quando ainda era criança. Curioso que tenha escolhido essa personagem como algum tipo de exemplo a ser seguido, o que reforça a ideia tradicional da figura do professor como detentor do conhecimento e do saber, o que sugere um compromisso de Rosálio com o seu próprio desenvolvimento humano por meio da palavra lida e escrita. Outro ponto curioso é que, ao escolher o sobrenome, diferencia-se do seu irmão de leite, preferindo usar um diferente, como se, dessa maneira, escolhesse o seu próprio destino, implicitamente, um destino diverso do de Zé Gregório.

Muito se fala da questão do direito à literatura voltada para o simples acesso ao livro, mas defendemos aqui que esse direito vai muito além do consumo passivo. É claro que ao se ler um livro, exige-se do leitor um trabalho ativo também, de construção daquela narrativa por meio da imaginação. Ocorre que, mais do que isso, em *O voo da guará-vermelha*, podemos transcender o tão inacessível objeto livro (seja pelo desconhecimento, pelo preço ou pelo desinteresse) e perceber que Rosálio, mesmo com todos os obstáculos que o separariam da literatura, criou estratégias para inseri-la em sua vida. Isso porque preencheu sua inacessibilidade ao conteúdo livro, mantendo-os consigo, a fim de um dia conseguir aprender a ler, consumindo-os a partir da leitura em voz alta realizada por Irene e também desenvolvendo uma habilidade de narrar suas histórias com a arma que possuía: a palavra falada.

Nesse contexto, vale mencionar que há uma forma de linguagem que Conceição Evaristo denominou de “gramática do cotidiano”, que é “[...] o expressar que surge da comunicação inventada, gestada, gerida no meio do povo. [...] uma língua dinamizada por uma fala que precisa e busca expor as incertezas, as injustiças, os enfrentamentos do dia a dia

do povo.” (Evaristo, 2019, p. 14). No romance, percebemos uma valorização e zelo com a literatura oral/oralidade, tanto em termos de conteúdo, como de forma, pois nos momentos em que temos os “causos” contados por Rosálio temos também a mudança no tipo de fonte, a linguagem coloquial, bem como longos parágrafos, com longos períodos e pouca pontuação, o que marca um pouco da fluidez e da espontaneidade da fala. Como no trecho:

Rosálio busca o novelo do fio de suas lembranças, acha a ponta do começo e desenrola, contando:
O lugar onde eu nasci e me criei ficava bem debaixo das Pedras do Pecador, no pé de uma serra sem nome. Diz que aquelas penhas quem botou ali quem botou foi um homem muito rico e muito pecador que um dia se arrependeu. (Rezende, 2014, p. 20).⁷

Em outra passagem do romance, percebemos a reflexão de Rosálio em relação aos seus saberes e de como eram desvalorizados na cidade, local em que ficava limitado a um corpo:

[...] tudo aquilo que eu pensava que era bom conhecimento não valia quase nada, fiquei burro de repente, só valia a força bruta dos meus braços, minhas pernas, como se eu só fosse um corpo com uma cabeça vazia, escondi minhas ideias e meus sonhos, em segredo, me calei, fui trabalhar do jeito que eles queriam [...] (Rezende, 2014, p. 149).

Nessa passagem, a subalternidade da personagem é mais uma vez evidenciada. Gayatri Spivak conceitua o subalterno como aquele pertencente “[...] às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (2010, p. 12). Os protagonistas do romance, Rosálio e Irene, representam esses sujeitos subalternos, invisibilizados, periféricos, e, portanto, à margem.

Antonio Candido diagnosticava, ao tempo em que escreveu seu texto, que não se afirmava mais com tanta tranquilidade a naturalização da pobreza:

Hoje não se afirma com a mesma tranquilidade do meu tempo de menino que haver pobres é a vontade de Deus, que eles não têm as mesmas necessidades dos abastados, que os empregados domésticos não precisam descansar, que só morre de fome quem for vadio e coisas assim. Existe em relação ao pobre uma nova atitude, que vai do sentimento de culpa até o medo. Nas caricaturas dos jornais e das revistas o esfarrapado e o negro não são mais tema predileto das piadas, porque a sociedade sentiu que eles podem ser um fator de rompimento do estado de coisas, e o temor é um dos caminhos para a compreensão. (Candido, 2017, p. 173).

Segundo Maria Valéria Rezende, o maior patrimônio do Brasil é o povo. Isso fica muito evidente em sua produção literária, com a escolha de suas personagens. No romance *O*

⁷ A utilização de fontes diferentes foi proposital, para destacar a utilização deste recurso gráfico no romance.

voo da guará vermelha, são protagonistas Rosário, pedreiro e analfabeto, e Irene, prostituta e soropositiva; ele, um trabalhador braçal que nunca conseguiu ser alfabetizado e que busca por alguém que o ensine a ler e escrever; e ela, uma mulher que tem essas habilidades de forma precária, mas que não hesita em ajudá-lo. Ambas personagens objetificadas, mas que saem da condição de meros corpos e passam à condição de sujeitos, a fim de ter acesso a algo que vai além da matéria, conforme percebemos no trecho:

O homem olha a mulher com uma pergunta nos olhos, sorri como intimidado, abaixa um pouco a cabeça, olha de novo para ela só com o canto do olho como quem tem um desejo sem coragem de pedir. Ela percebe, pensando que conhece aquele jeito de homem querendo cama e as coisas que se faz nela, diz “se quer brincar, pode pedir, que hoje ainda tenho coragem”. Não, ela não entendeu, também... como é que essa pobre, de quem só se compra o corpo, pode pensar que ele quer que ela agora leia um livro? “Diga, homem, o que deseja, deixe de ser besta, diga!”? Ele gagueja, mas diz. (Rezende, 2014, pp. 24-25).

Nota-se no fragmento o quanto a personagem Irene, mulher periférica, prostituta e soropositiva está tão adaptada a ser vista como um mero corpo, que só consegue ver a interação com Rosário para esse fim. O olhar que lhe direciona, interessado em algo não corpóreo a surpreende. Surpreende também aos leitores, afinal, vivemos em um tempo e espaço no qual a leitura de livros e o interesse por eles está cada vez menor, mesmo a quem tem acesso a eles com mais facilidade. Então, como um trabalhador braçal pode valorizar o objeto livro? Ainda mais sendo ele mesmo analfabeto?

Nesse sentido, podemos afirmar que, para Rosário, a fruição da literatura, nos dizeres de Antonio Candido, refere-se a um “bem incompreensível”, uma vez que se trata de uma necessidade que precisa ser satisfeita, “[...] sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora.” (Candido, 2017, p. 176).

Como bem disse Paulo Freire (1989, p. 9), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” e Rosário é um narrador nato, um detentor de saberes múltiplos que, nem ele mesmo consegue mensurar, mas que, por meio da palavra falada, poderá organizar e difundi-los com os transeuntes dispostos a escutá-lo:

[...] vou para o meio das praças, vou para o meio do mundo contar tudo que já sei e mais as coisas que eu só posso conhecer quando disser, soltando minhas palavras sem, sem teto, laje ou telhado por cima de minha cabeça que me separe de Irene, que eu sei que por onde eu for a minha guará vermelha, minha mulher encantada, vai sempre me acompanhar, voando entre o azul e mim, e ela quer ouvir meus contos. (Rezende, 2014, p. 157)

Assim, podemos argumentar que Rosário bem representa a capacidade de ler e falar sobre o mundo, uma vez que, mesmo sem saber ler as palavras escritas, ele não se resigna. E

vai além, pois não só percebe e lê o mundo, como também faz uso da oralidade, da espontaneidade e da criatividade, saindo de uma posição de subalterno/sujeito invisível, que talvez fosse esperada dele e se colocando em uma posição ativa, de alguém que conta histórias, que aconteceram, mas também que foram inventadas. O que também demonstra que o conhecimento da personagem vai além do mero reconhecimento e identificação com o mundo, mas também trata-se de um conhecimento e de uma habilidade criativa e criadora.

Considerações finais

Neste artigo, abordamos a questão da importância da palavra e de seu uso para a constituição do sujeito e de seu fazer criativo. Rosário, protagonista de *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, apesar de enfrentar muitas adversidades, tais como: orfandade, omissão estatal em relação à sua alfabetização, trabalho análogo à escravidão, pobreza, consegue, por meio da sua paixão pelos livros e pelo seu anseio de contar suas próprias histórias, constituir-se como sujeito que se coloca no mundo, difundindo sua própria perspectiva, pautado em suas experiências.

Apesar da aparente morte simbólica do protagonista, no que se refere à ausência de acesso aos direitos fundamentais, como a educação, ele contraria todas as circunstâncias adversas, pois se apenas sobrevive, em sua vida material parca de recursos, através da literatura consegue transcender a vida, tanto quando tem acesso ao conteúdo dos livros e outros imaginários possíveis, como também quando cria suas próprias narrativas.

Sendo assim, a personagem Rosário, bem como sua relação com os livros e com a narrativa oral revelam não só o seu amor e performance com o próprio deleite e criação literárias, mas com a própria existência e sua marca como sujeito sensível e pensante no mundo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017, p. 171-193.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: DUARTE, Mel (org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

OLIVEIRA, Rafael Camargo de. “Manifesto”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/manifesto.htm>. Acesso em: 07 abr. 2023.

REZENDE, Maria Valéria. *O voo da guará vermelha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.